

LEITURA ORANTE

Evangelho de Lucas 15, 11-32



Estimados Irmãos, Formandos e Colaboradores Lassalistas.

Viva Jesus em nossos corações!

Fazemos chegar até vocês o Subsídio Formativo Lassalista 05/2018 com o intuito de fortalecer as vivências próprias do tempo de preparação para a Páscoa.

A quaresma se caracteriza por ser um tempo de tomar consciência, de avaliar e de admitir as próprias fragilidades em vista de uma mudança de vida. Transformar algo em nós exige um movimento de dentro para fora e, sabemos, que modificar uma atitude pessoal e/ou comunitária nem sempre é fácil. A conversão é um movimento permanente e progressivo de conformação de nossas atitudes pessoais e comunitárias com as de Deus. Para chegarmos a isso há um longo itinerário pessoal e comunitário a ser percorrido.

As parábolas, na Bíblia, revelam uma imagem de Deus que provoca mudanças, por isso, podemos dizer que não são somente comparações que visavam um ensinamento moral. Nelas encontramos palavras e mensagens que curam, são terapêuticas, podendo qualificar nossa forma de ver, nos relacionar e amar.

É nesse contexto quaresmal que propomos a leitura do texto bíblico indicado e do subsídio de apoio.

Desejamos a todos experiências transformadoras!

Fraternalmente em Cristo e La Salle,

Direção de Formação e Coordenação de Pastoral

LEITURA ORANTE

Evangelho de Lucas 15, 11-32



1. EVANGELHO de Lucas 15, 11-32

2. PASSOS DA LEITURA ORANTE

1º Passo – Leitura - O que diz o texto?

2º Passo – Meditação – O que Deus nos/me diz através do texto?

3º Passo – Oração – O que o texto me faz dizer a Deus?

4º Passo – Ação – Que compromisso Deus nos/me pede?

MÉTODO DA LEITURA ORANTE DA BÍBLIA

Acolhida, Invocando o Espírito Santo



3. TEXTO DE APOIO

O PAI BOM

1. Como Jesus experimenta Deus

Jesus não queria que as pessoas da Galileia imaginassem Deus como um rei, um senhor ou um juiz. Ele o experimentava como um pai incrivelmente bom. Na parábola do “pai bom” mostrou-lhes como ele imaginava Deus.

Deus é como um pai que não pensa em sua própria herança. Respeita as decisões dos filhos. Não se ofende quando um deles o considera “morto” e lhe pede sua parte da herança.

Com tristeza ele o vê partir de casa, mas nunca o esquece. Aquele filho sempre poderá voltar para casa sem temor algum. Quando um dia o vê chegar faminto e humilhado, o pai “se comove”, perde o controle e corre ao encontro do filho.

Esquece-se de sua dignidade de “senhor” da família e o abraça e beija efusivamente como uma mãe. Interrompe a confissão do filho para poupar-lhe mais humilhações. Ele já sofreu bastante. Não precisa de explicações para acolhê-lo como filho. Não lhe impõe nenhum castigo. Não exige dele um ritual de purificação. Nem se quer parece sentir necessidade de manifestar-lhe o perdão. Não é necessário. Nunca deixou de amá-lo. Sempre procurou para ele o melhor. Sua preocupação é que seu filho se sinta bem novamente. Dá-lhe de presente o anel da casa e a melhor veste. Oferece

LEITURA ORANTE

Evangelho de Lucas 15, 11-32



uma festa a todo o povoado. Haverá banquete, música e danças. Junto ao pai, o filho deverá conhecer a festa boa da vida, não a diversão falsa que procurava entre prostitutas pagãs.

É assim que Jesus sentia Deus e assim o repetiria também hoje aos que vivem longe dele e começam a ver-se como que “perdidos” na vida. Qualquer teologia, pregação ou catequese que esquece está parábola central de Jesus e impede de experimentar Deus como um Pai respeitoso e bom, que acolhe seus filhos e filhas perdidos e oferecendo-lhes seu perdão gratuito e incondicional, não provém de Jesus nem transmite a Boa Notícia de Deus que ele pregou.

2. A melhor metáfora para Deus

A parábola mais conhecida de Jesus, e talvez a mais repetida, é chamada “parábola do pai bom”. O que sentiram os que ouviram pela primeira vez esta parábola inesquecível sobre a bondade de um pai preocupado somente com a felicidade de seus filhos?

Sem dúvida, desde o início ficaram desconcertados. Que tipo de pai era esse que não impunha sua autoridade? Como podia consentir na sem-vergonhice de um filho que lhe pedia para repartir a herança antes de sua morte? Como podia dividir sua prosperidade pondo em perigo o futuro da família?

Jesus os desconcertou ainda mais quando começou a falar da acolhida daquele pai ao filho que voltava para casa faminto e humilhado. Estando ainda longe, o pai correu ao seu encontro, abraçou-o com ternura, beijou-o efusivamente, interrompeu-lhe a confissão e apressou-se em acolhê-lo como filho querido em seu lar. Os ouvintes não podiam acreditar. Aquele pai havia perdido sua dignidade. Não agia como o patrão e patriarca de uma família. Seus gestos eram os de uma mãe que procura proteger e defender o filho da vergonha e da desonra.

Mais tarde saiu também ao encontro do filho mais velho. Ouviu com paciência suas acusações, falou-lhe com ternura especial e convidou-o para a festa. Só queria ver seus filhos à mesma mesa, compartilhando um banquete festivo.

LEITURA ORANTE

Evangelho de Lucas 15, 11-32



O que Jesus estava sugerindo? É possível que Deus seja assim? Como um pai que não guarda para si sua herança, que não anda obcecado com a moralidade de seus filhos e que, infringindo as regras do que é correto, busca para eles uma vida feliz? Será esta a melhor metáfora de Deus: um pai acolhendo de braços abertos os que andam "perdidos" e suplicando aos que lhe são fiéis que acolham todos com amor? Os teólogos elaboraram durante vinte séculos discursos profundos sobre Deus, mas não é esta metáfora de Jesus ainda hoje a melhor expressão de seu mistério?

3. Parábola para nossos dias

Em nenhuma outra parábola Jesus conseguiu penetrar tão profundamente no mistério de Deus e no mistério da condição humana. Nenhuma outra é tão atual para nós como esta do "pai bom".

O filho mais moço diz ao pai: "Pai, dá-me a parte da herança que me cabe". Ao reclamá-la, está de alguma forma pedindo a morte do pai. Quer ser livre, romper amarras. Não será feliz enquanto seu pai não desaparecer. O pai consente com seu desejo sem dizer nenhuma palavra: o filho deve escolher livremente seu caminho.

Não é esta a situação atual? Muitos querem hoje ver-se livres de Deus, ser felizes sem a presença de um Pai eterno em seu horizonte. Deus deve desaparecer da sociedade e das consciências. E, da mesma forma que na parábola, o Pai mantém silêncio. Deus não coage ninguém.

O filho parte para "um país distante". Precisa viver longe de seu pai e de sua família. O pai o vê partir, mas não o abandona; seu coração de pai o acompanha; cada manhã estará esperando. A sociedade moderna se afasta sempre mais de Deus, de sua autoridade, de sua lembrança... Não está Deus nos acompanhando enquanto o vamos perdendo de vista?

Logo o filho se instala numa "vida desordenada". O termo original não sugere apenas uma desordem moral, mas uma existência insana, descontrolada, caótica. Em pouco tempo sua aventura começa a transformar-se em drama. Sobrevém uma "fome terrível" e ele só sobrevive cuidando de porcos, como escravo de um estranho. Suas palavras revelam sua tragédia: "Eu aqui morro de fome".

O vazio interior e a fome de amor podem ser os primeiros sinais de nosso afastamento de Deus. Não é fácil o caminho da liberdade. O que nos falta? O que poderia encher o nosso coração? Temos quase tudo, então por que sentimos tanta fome?

LEITURA ORANTE

Evangelho de Lucas 15, 11-32



O jovem “entrou em sim mesmo” e, aprofundando-se em seu próprio vazio, recordou o rosto de seu pai, associado a abundância de pão: na casa do meu pai eles “têm pão” e aqui “eu morro de fome”. Em seu interior desperta o desejo de uma liberdade nova junto a seu pai. E ele reconhece seu erro e toma uma decisão: “ Pôr-me-ei a caminho e irei procurar meu pai”.

Pôr-nos-emos a caminho para Deus, nosso Pai? Muitos fariam se conhecessem este deus que, segundo a parábola de Jesus, “sai correndo ao encontro do filho, lança-se ao seu pescoço e põe-se a beijá-lo efusivamente”. Estes abraços e beijos falam de seu amor melhor que todos os livros de teologia. Junto a ele sempre poderemos encontrar uma liberdade mais digna e feliz.

4. A tragédia de um pai bom

Exegetas contemporâneos¹ abriram uma nova pista de leitura da parábola chamada tradicionalmente do “filho pródigo”, para descobrir nela a tragédia de um pai que, apesar de seu amor “incrível” pelos seus filhos, não consegue construir uma família unida. Seria essa, de acordo com Jesus, a tragédia de Deus.

A atuação do filho mais moço é “imperdoável”. Dá por morto seu pai e pede a parte da herança que lhe cabe. Desta maneira, rompe a solidariedade do lar, lança por terra a honra da família e põe em perigo seu futuro ao forçar a partilha das terras. Os ouvintes devem ter ficado escandalizados ao ver o pai, respeitando a insensatez do filho, punha em risco sua própria honra e autoridade. Que tipo de pai é este?

Quando o jovem, destruído pela fome e pela humilhação, volta para casa, o pai torna a surpreender a todos. Esquece-se de sua própria dignidade, oferece-lhe o perdão antes de ele declarar-se culpado, restabelece-o com sua honra de filho, protege-o da rejeição dos vizinhos e organiza uma festa para todos. Por fim, poderão viver em família de maneira digna e feliz.

Infelizmente falta o filho mais velho, um homem de vida correta e ordenada, mas de coração duro e ressentido. Ao chegar à casa, humilha publicamente o pai, tenta destruir o irmão e exclui-se da festa. Sem dúvida festejaria alguma coisa “com seus amigos”, mas não com o pai e irmão.

¹ Estudiosos e especialistas na interpretação da Bíblia.

LEITURA ORANTE

Evangelho de Lucas 15, 11-32



O pai sai também ao encontro dele e revela-lhe o desejo mais profundo de seu coração de pai: ver seus filhos sentados à mesma mesa, compartilhando amistosamente um banquete festivo, acima de confrontos, ódios e condenações.

Povos confrontados com guerras, terrorismos cegos, políticas insolidárias, religiões de coração endurecido, países mergulhados na fome...Nunca compartilharemos a Terra de maneira digna e feliz se não nos olharmos com o amor compassivo de Deus. Este olhar novo é a coisa mais importante que nós, seguidores de Jesus, podemos introduzir hoje no mundo.

5. O outro filho

Sem dúvida, a parábola de Jesus mais cativante é a do “pai bom”, mal chamada “parábola do filho pródigo”. Precisamente este “filho mais moço” atraiu quase sempre a atenção de comentaristas e pregadores. Seu retorno ao lar e a acolhida incrível do pai comoveram todas as gerações cristãs.

No entanto, a parábola fala também do “filho mais velho”, um homem que permaneceu junto ao pai sem imitar a vida desordenada de seu irmão longe do lar. Quando o informam da festa organizada pelo pai para acolher o filho perdido, fica desconcertado. O retorno do irmão não lhe causa alegria, como seu pai, mas raiva: “Indigna-se e nega-se a entrar” na festa. Nunca abandonou a casa, mas agora se sente como um estranho entre os seus. O pai sai para convidá-lo com o mesmo carinho com que acolheu seu irmão. Não grita com ele nem lhe dá ordens. Com amor humilde “procura persuadi-lo” a entrar na festa da acolhida. É então que o filho explode, deixando a descoberto todo o seu ressentimento. Passou toda a sua vida cumprindo ordens do pai, mas não aprendeu a amar como ele ama. Só sabe exigir seus direitos e denegrir o irmão.

É esta a tragédia do filho mais velho. Nunca abandonou a casa, mas seu coração esteve sempre longe. Sabe cumprir mandamentos, mas não sabe amar. Não entendo o amor de seu pai para com aquele filho perdido. Não acolhe nem perdoa, não quer saber nada de seu irmão. Jesus conclui sua parábola sem satisfazer nossa curiosidade. Ele entrou na festa ou ficou de fora?

LEITURA ORANTE

Evangelho de Lucas 15, 11-32



Envoltos na crise religiosa da sociedade moderna, habituamo-nos a falar de crentes e não crentes, de praticantes e afastados da Igreja, de matrimônios abençoados pela Igreja e casais em situação irregular... Enquanto nós continuamos classificando seus filhos e filhar, Deus continua nos esperando a todos, pois não é propriedade apenas dos bons nem dos praticantes. Ele é pai de todos.

O “filho mais velho” nos interpela a nós que acreditávamos viver junto do Pai. O que estamos fazendo nós que abandonamos a Igreja? Assegurar nossa sobrevivência religiosa observando da melhor maneira possível o que está prescrito ou ser testemunhas do amor imenso de Deus para com todos os seus filhos e filhas? Estamos construindo comunidades abertas que sabem compreender, acolher e acompanhar os que buscam a Deus entre dúvidas e interrogações? Levantamos barreiras ou lançamos pontes? Oferecemos-lhes amizade ou os olhamos com receio?

Referência

PAGOLA, José Antonio. **O caminho aberto por Jesus: Lucas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

Para aprofundar consultar:

<https://www.cebi.org.br/2016/02/29/parabola-do-pai-misericordioso-lucas-151-3-11-32-paulo-ueti-2/>

<https://www.youtube.com/watch?v=PP8XWqggmXw>

